

MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º andar
www.casadefreigalvao.com.br / museufreigalvao@yahoo.com.br

2018

nº 320

A Família Imperial e sua devoção
à Senhora Aparecida



Dom Pedro I - Imperador do Brasil.



Princesa Isabel e Conde D'Eu.

“Na trilha da Independência”, a autora Maria de Lourdes Borges Ribeiro registra que a “tradição guardou a lembrança da presença do Príncipe D. Pedro, em Aparecida, em 20 de agosto de 1822”.

“Consta que, saindo da Vila de Guaratinguetá, ao passar o Príncipe Regente pela Capela de Nossa Senhora Aparecida, em fervorosa oração,

junto ao seu altar, implorou a sua intercessão para o feliz êxito de sua missão que culminaria na independência do Brasil.

*Afirma-se ainda que ele, em suas preces, fez o voto de proclamar Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Já como Imperador Dom Pedro I, “por sua livre e espontânea deliberação, declarou então colocar o Brasil, debaixo da especial proteção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Como seu primeiro ato majestático proclamou então **Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil**” (in *Correio Paulistano-SP, 16/12/1928*).*

Quatro meses depois de proclamada a Independência encontra-se uma demonstração explícita do interesse de D. Pedro I pela capela de Nossa Senhora Aparecida. É a portaria de Sua Majestade Imperial, datada de 23 de janeiro de 1823, determinada, para maior esplendor da capela e do culto à Padroeira, a reintegração de todos os membros da Irmandade, que por motivos políticos haviam sido exonerados. É o que se pode ainda ler na Ata de Sessões do dia 8 de março desse mesmo ano (in *Santuário - História da Administração, 25/6/1961*).

Os anos passaram e em **1868** encontramos a Princesa Isabel e o Conde d’Eu visitando a Capela de Nossa Senhora Aparecida, em 7 e 8 de dezembro.

No alto da colina, “a Princesa foi recebida solenemente por crianças vestidas com todo o mimo, que a saudaram com pétalas de rosas. Entre as crianças estavam aquelas que seriam as futuras “madonas” dos lares aparecidenses: D. Maria do Carmo de França Barreto, D. Maria Amélia Rangel Chagas, D. Rita de Cássia Villela da Costa, D. Maria Carolina de França Souza, entre outras.

A Princesa Isabel e o Conde D’Eu entraram na Igreja, oraram e na praça a Princesa foi saudada por um escravo de nome Antônio e que tocava perfeitamente o trombone de vara. Tocou um solo fazendo graduações com o dedo do pé, com tamanha beleza que o Conde o abraçou e a Princesa deu-lhe um lençinho de seda. Antônio foi então convidado para tocar no baile daquela noite, no solar do Visconde de Guaratinguetá, em homenagem a S.S. Altezas. O casal havia chegado à Aparecida a cavalo, com grande comitiva. “Na capela, a Princesa Isabel doou a Nossa Senhora um riquíssimo manto com brilhantes, no valor de 18 contos de réis”, informa a Profª Conceição Borges Ribeiro Camargo. O casal foi então nomeado “festeiros de Nossa Senhora Aparecida, para a festa que se realizaria no dia seguinte”. Foram, aliás, os últimos festeiros, pois a partir daí, a mesa administrativa da Irmandade passou a ser responsável pela festa. Diz a tradição que foi nessa data que a Princesa fez uma promessa a Nossa Senhora Aparecida. Estava casada há quatro anos, sem herdeiros e precisava engravidar.

A promessa foi paga em **1884**, quando a Princesa Isabel, já mãe, voltou a Guaratinguetá. Na Capela, cumpriu sua promessa de varrer a igreja e colocou o cisco no decote de seu traje. Doou à santa como agradecimento, uma rica coroa de ouro, com a qual Nossa Senhora Aparecida seria coroada em **1904**.

D. Pedro II, também devoto de N.Senhora Aparecida, quando da inauguração da estrada de ferro do Rio a São Paulo, viajando pela nova via férrea, foi até Guaratinguetá. Não havia ainda a estação de Aparecida, mas, passando por esse local de romarias “os seus olhos viram a celebre Capela tão afamada e o Imperador apressou o atendimento das reivindicações do povo solicitando a estação, que foi inaugurada em **1887**, em homenagem à Padroeira e seus romeiros”. Constam, em manuscritos da época, os

preparativos para recepcioná-lo, também em Aparecida, quando de sua visita pela Província de São Paulo. É o que informa o memorial do empreiteiro de obras da reforma da Capela de Aparecida à Assembléia Legislativa de São Paulo, através do Dr. José Vicente de Azevedo.

Mesmo após a proclamação da República, a família real continuou a devoção à Santa de Guaratinguetá, participando de eventos como o tombamento da Basílica e às festas comemorativas do centenário da Coroação de Nossa Senhora Aparecida.



Visita dos Príncipes Imperiais do Brasil, D. Pedro de Orleans e Bragança e Dona Maria Elisabete de Orleans e Bragança à Basílica de Aparecida, com os filhos D. Pedro Gastão e Dona Isabel (Condessa de Paris), 1925.

– Da esquerda para a direita: 1 – Anna Cesar Salgado (filha de Antonieta). 2 – Pedro Gastão de Orleans e Bragança (de capa). 3 – Maria Elisabete de Orleans e Bragança; 4 – Maria Antonieta Cesar Salgado. 5 – Isabel de Orleans e Bragança - Condessa de Paris (com as flores). – 2ª FILA: 1 -D. Pedro de Orleans e Bragança. 3 - Maria Celeste Cesar Salgado (filha de Antonieta). 6 - Júlio Conceição.

7 - Comendador Augusto Marcondes Salgado. (Doação de Maria Ely Machado Coelho).

Em 8 de setembro de 2004, no Centenário da Coroação de Nossa Senhora Aparecida, participaram das festas da cidade, o Príncipe Dom João de Orleans e Bragança e as Princesas Isabel Eleonora e Maria das Graças, representando a Família Imperial.

*Thereza e Tom Maia
Museu Frei Galvão.*